

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Última Hora

Class.: 622

Data: 13/12/82

Pg.: _____



Enquanto fez sua campanha, Juruna enfrentou uma série de calúnias



Juruna, os filhos Apsira e Diogo, Chikitã, Matko e Vera Lúcia

Fotos de JADIR FARIAS e ARQUIVO-UH

SERRA do Roncador, rio Xingu, mais precisamente seu afluente Saiuá-Miçu. Dali veio Juruna, fazendo parte do caminho a pé, de barco ou caminhão, até chegar ao Rio, Brasília ou São Paulo, onde conheceu o poder, não por participar dele, mas por incomodá-lo. E é isto aí: incomodar o poder seria a marca registrada desse índio que não completou quarenta anos, nascido no seio de um povo praticamente extinto, os Jurunas, que fazem parte de uma nação maior, os Xavantes, mas que, mesmo assim, não atinge três milhares de almas. Juruna, Mário Juruna, filho de Isaías Butsé e de Mercedes Ro'otsisina, pai de Diogo e de Apsira (que na língua xavante significa: abacaxi) seco, sem calda: que não serve para comer. Áspero, Duro, viu quando parte de seu povo morreu de gripe, de sarampo, viu outros índios morrerem sob a pressão do avanço dos brancos. Quantos morreram? De qualquer modo a imprecisão de número é geral quanto aos índios. Dos jurunas, dizem os documentos, sobreviveram entre 50 e 100 indivíduos. Dos xavantes restam de 2 a 3 mil. E do povo indígena em geral...

No dia da entrevista, concedida no pequeno apartamento em que mora na Praia de Botafogo, Juruna recebia a visita de Chikitã, líder espiritual indígena, residente em Porto Alegre, mas nascido em Pedra Negra, às margens do Rio Guaporé, remota fronteira com a Bolívia. Com Chikitã estava sua esposa Vera Lúcia, que tem o nome indígena de Camatiã (na sua tribo de origem, os Timborés, Mato Grosso, junto ao Rio Paraná, significa esperança). No colo de Chikitã estava a filha Matkó (riacho), mas

eles tem outros filhos: Lukitan (sol) e Iaray (Santa Luzia). Juntos, na pequena sala onde havia uma estante sem livros, um sofá poído e uma televisão desligada, estavam representantes aculturados de três raças índias praticamente extintas no Brasil: os Jurunas (Xavantes) os Xiquitas (Tupis) e os Timborés (Guanaris). Os três, representando diferentes níveis de cultura, mas de politização equivalente, estão empenhados no mesmo tipo de luta, que é a afirmação do índio brasileiro e, mais que sua sobrevivência ou integração, no reconhecimento nacional de sua gente.

Chikitã, com sua mulher culta e jovem, dirige a FENAI (Federação Espiritual do Índio) e tem nome "civilizado" de Agenor Flores Parreto. Juruna, eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, pretende exercer uma liderança ativa na sua comunidade, sem esquecer os compromissos com o Rio de Janeiro, Estado que o elegeu e só tem uma reclamação (que considera dolorosa):

— A campanha contra Juruna, contra índio, foi assim: Juruna está em Brasília, está em boate com mulher, está em farra. Juruna está contra índio, fingindo que está com ele. E todo me perguntava: sabe o que estão dizendo por aí de você, Juruna? Sei, eu respondia, mas não posso estar aqui lutando e lá no meu povo explicando a verdade. Só posso estar num lugar e aqui é o lugar onde estou. De qualquer modo, na Câmara Federal, a voz de Juruna terá maior ressonância e todo o povo índio saberá com certeza onde ele estará e, sem dúvida, o tipo de trabalho que estará exercendo.

JURUNA

“Vi o índio maltratado, perseguido e disse: vou lutar pra comunidade”

UH — Qual sua opinião sobre alguns protestos despertados por sua eleição?

Juruna — Protestos? Eu acho que não houve. Só se você fala do ministro da Aeronáutica, que quer deixar a função pra filho dele, porque antes de Juruna não houve índio candidato. Que é que faz o ministro ficar revoltado e criar problema se ele não votou em mim? Ele devia ficar calado. Eles não querem corrigir o Brasil, a não ser do jeito deles. Mas sou eu quem vem lutando desde o sertão, venho do mato, venho do povo e da natureza e era político de comunidade quando aprendi na prática. O ministro não entende fome, não entende miséria, coisas de que entendo. Eu sou ligado à natureza, ao povo preto, branco, índio e não vivi em gabinete. Que história é essa de achar que pobre e preto não têm capacidade? Pilotar avião dá capacidade? Eu não falo direito, minha gente não fala direito, mas isso não é falta de capacidade. Não significa não saber as coisas que é preciso saber. O ministro devia me procurar para saber o que eu vou fazer, quem sou eu, e agora pergunto: o ministro sentiu fome? Não adianta ter leitura, que isto só não ensina nada.

UH — Onde você nasceu e quando, Juruna?

Juruna — Não adianta perguntar a índio quando é que nasce. O lugar eu sei: foi no Norte de Mato Grosso, Couto de Magalhães. Minha origem é xavante, lá fui chefe guerreiro. Em 66,67 assumi a liderança.

UH — Foi eleito?

Juruna — Não fui eleito. Primeiro eu pratiquei muito problema de comunidade, problema do índio. Pratiquei muito trabalhando com branco, vendo branco trabalhar e aprendi com índio. Vi o índio perseguido, maltratado e disse: vou lutar pra minha comunidade. Todo mundo começou a me apoiar, mas nenhum índio tinha coragem de assumir a luta como eu. Branco falava, índio ouvia, índio ficava quieto. Branco mandava, índio obedecia. Então eu procurei acertar as coisas, dizendo: não é pra chamar a atenção de índio e nem maltratar. Você é empregado e índio está na maloca dele. Você vem aqui pra ajudar índio ou pra apoiar fazendeiro?

UH — Desse modo começou sua luta?

Juruna — Foi assim, mas não foi fácil. Levei anos e ainda hoje os brancos falam de mim, fazem fúxico, me maltratam. Eu devia ter 17 anos quando fui contactado com branco. Fui levado para os brancos e estudei um pouco e fui assumindo a liderança, mas não deu certo. A gente se ajoelhava, a gente era estudante e o padre ajoelhava a gente. Eu disse: vou embora, vou sair por conta própria, vou aprender a linguagem e vou voltar para lutar melhor.

UH — Saiu com direção certa ou ainda não tinha objetivo?

Juruna — Fui procurando serviço de fazendeiro em fazendeiro, trabalhador, peão. Roçava, derrubava, fazia coivara, até chegar em Guiratinga, perto de Rondonópolis. Trabalhei de pedreiro. Fui para o Maranhão com um grupo de índio e de soldado. Depois falei com o comandante que não queria ficar. Falei que tinha saúde da tribo, de meu pai, de minha mãe e precisava voltar.

UH — Quando voltou encontrou alguma coisa diferente?

Juruna — Fui de avião para Araguaças e de lá fui para São Marcos, que fica perto de Barra do Garça. Fui para a tribo, mas o padre não quis que eu ficasse. “Você não é pra ficar aqui, ele disse. Você está trazendo doença de mulher”. Falei: eu não deixei padre aqui, deixei meu pai e minha mãe. Eu não conheço mulher da rua e saí daqui para aprender a linguagem do branco, para trabalhar e você como padre não deve falar besteira. Ele falou de novo que eu não podia ficar.

UH — Qual foi sua reação?

Juruna — Comecei a andar de novo. Aprendi ser piloto de barco, fiquei descendo e subindo o Araguaia, morando no barco, pelo Norte de Mato Grosso todo, corri todo o Araguaia e visitei índios Javaés, Carajás. Vim descendo o Rio das Mortes até chegar a um lugar onde peguei um avião que era de fazendeiro, homem milionário chamado Ariosto Niva, que expulsou todos os índios de Saiuá-Miçu. Peguei o avião por conta dele e fui na fazenda. Encontrei todos os índios encostados. Ele matava boi, matava vaca, agradava índio, mas cada dia mudava a cerca, afastava índio, acabava com a terra do índio, imprensa.

UH — Você decidiu não trabalhar com ele ou foi ficando?

Juruna — Eu estranhei e disse para os índios que não achava certo. Fazendeiro é bom, eles disseram. Eu disse: vocês não sabem se defender, não sabem lutar contra branco. Af-eu disse para o chefe: eu quero defender a terra dos índios. Ele disse: não, Juruna. Nós já temos quem defenda índio. Quem? perguntei. O doutor Ariosto Niva, fazendeiro. Expliquei que ele estava tirando a terra. Que é que ele perde? Dois boi. Ele dá dois boi para você comer, mas ele não precisa de dois boi, de três e nem de dez boi que você come. Ele precisa da terra e ele está cercando a terra, apertando vocês que estão gostando de comer os bois que ele mata.

UH — Você partiu outra vez?

Juruna — Não podia ficar. Falei: você não vão me aceitar, eu vou embora e vou esperar resultado. Minha tribo está em São Marco, meus pais está em São Marco e vou para lá até que vocês me chamem. Voltei pra São Marcos. Fui a pé oitenta quilômetros de Xavantina a São Marcos, acompanhando o Rio das Mortes a pé. Fui beirando o rio, sozinho, fui andando pela mata até chegar minha aldeia. Outro ano que vem o índio foi expulso de Saiuá-Miçu. Ariosto vendeu a terra para outro e hoje se chama Fazenda do Papa. Índio foi jogado no brejo, perdeu tudo, perdeu seu lugar para branco. Esse padre de São Marcos aceitou o índio por presente e o padre recebeu trator de fazendeiro, contratou avião para trazer índio. E o que é que aconteceu? Morreram 90 índios.

UH — Desastre?

Juruna — Morreu de sarampo no encontro do índio com o branco, na mudança de lugar. Voltei. O padre lutou, eu lutei. Padre dava saúde, eu carregava índio de um lugar para outro, quando já não havia mais índio com forças. E pensei: não tem mais voz de comunidade? O índio vai viver desse jeito? Índio vai ficar sem defesa? Então falei: eu vou assumir. Eu quero que padre vá defender fazendeiro.

UH — As coisas, finalmente, começaram a se organizar?

Juruna — Tudo foi acontecendo até que outro dia filho de fazendeiro teve relação com irmã, depois jogou culpa em índio. Depois irmão matou irmã e padre apoiou o que disse filho de fazendeiro. Índio foi arrastado, jogado em cima de caminhão, apertado, acorrentado. Índio não sabia falar e ficou preso. Eu fiz cova para enterrar a branca. Depois todos soube: quem matou a moça foi o irmão que teve relação, mas ninguém falou nada pra índio, ninguém explicou o erro e ficou por isso. Índio ficou só sabendo. E padre continuou falando, chamando atenção. Índio não pode criar, índio não pode ter pasto, índio não pode plantar. Eu escutava e via sempre o índio ser desprezado. Então falei para o padre: escuta padre, vamos separar. Você defende fazendeiro e possueiro. Eu defendo índio.

UH — Qual foi a reação dele?

Juruna — Ele disse: que é isso, Juruna? Respondi: eu assumo agora. Já aprendi linguagem do branco e quero demarcar terra. O padre disse: quem manda aqui é fazendeiro que tem a escritura da terra e o Governo. Então perguntei: quem manda é o Governo, padre? Índio não manda? Índio que está na terra dele não manda? Eu assumi! Levei dez anos pra dar terra a índio. Falei com ministro Costa Cavalcanti, esse de Itaipu e ele levava na conversa, sem resolver nada, enrolando. Falei com general Madeira de Melo, depois veio o outro ministro Rangel Reis, tudo não resolveu nada, até que assumi de repente.

UH — Sua luta, então, continua agora na política?

Juruna — Continua. Sou o único em todo Brasil que levantou voz da comunidade. Ninguém antes de mim falou. Nem FUNAI não existe, nem padre, nem encarregado. Foi todo mundo comprometido. Vai todo mundo pra lá pra desprezar índio. E agora que eu vim aqui, todo quer atrapalhar. Antes de ir para a Holanda me comprometi com o PMDB. Mas eu sabia que FUNAI estava preparando pra tirar o Aniceto, pra tirar liderança. Foi matado o Ângelo, Pacararé, na Bahia, foi matado o Ângelo no Paraná, foi baleado chefe de comunidade bororó e dois índio em São Luís Maranhão foi matado e era pra matar todo chefe de comunidade e uma voz começou a dizer: chefe de comunidade é Juruna.

UH — Quais são seus planos agora?

Juruna — Problema é a ferida que há mim. Gente me deve. Quero fazer relatório e protestar pelos acontecimentos contra Juruna. Agora eu quero terra pra índio, quero acabar FUNAI, acabar ministério administrando índio. Índio deve assumir a direção de sua comunidade. Não é coronel aposentado, nem reservado, Funai pra cá e nós pra lá. É índio brasileiro que vai tomar conta de seu País. Eu ama povo, por isso quero fazer aliança com branco bom, que gosta de sua terra e quero trabalhar pro povo brasileiro. Se não conseguir virar a mesa pra tirar sujeira, pelo menos vou deixar um serviço pro povo.

UH — Quais são seus planos imediatos?

Juruna — Fazer levantamento de quantos índios tem no Brasil, quantos já foram assassinados e quantos índios morre por ano, criança, mulher, as terras que foi tomada, se ainda existe terra de índio, porque índio foi maltratado. Quero fazer projeto bom, conversar com povo, com presidente.